

O USO DE EXPRESSÕES APOSITIVAS COMO ESTRATÉGIA DE REFORMULAÇÃO EM ARTIGOS CIENTÍFICOS

Márcia Teixeira Nogueira
Universidade Federal do Ceará

Resumo: *Este artigo analisa os aspectos textual-discursivos do uso de construções apositivas em artigos científicos.*

Palavras-chave: *aposição, funções textual-discursivas, gênero.*

Abstract: *This paper analyzes the textual-discursive aspects of the use of appositive constructions in scientific research articles.*

Key words: *apposition, textual-discursive functions, genre.*

1. Considerações iniciais

Embora seja um tipo de construção essencialmente votado para a construção textual, o estudo da aposição tem-se restringido ao âmbito da sintaxe da oração. Alguns trabalhos recentes (Meyer:1992, Posse: 1994, Senna: 1986) têm ampliado o campo de estudo da aposição ao investigar as propriedades semânticas, sintáticas e pragmáticas das construções apositivas em diferentes *corpora*. Esses trabalhos, porém, consistem, na maioria das vezes, de uma extensão de descrições formalistas, como mera aplicação, ao estudo da aposição em textos específicos, de formulações feitas no âmbito de uma sintaxe imanente e de uma semântica de natureza extensional.

Em Nogueira (1999), propõe-se uma nova perspectiva para os estudos sobre a aposição, passando tal processo a ser visto como um mecanismo textual-discursivo. Assumiu-se que, devido ao seu caráter multifuncional, a aposição não-restritiva participa, a um só tempo, da construção dos sentidos de um texto, nos planos textual, cognitivo e argumentativo-atitudeal.

No presente artigo, discutimos, inicialmente, o conceito de aposição como estratégia textual ou textualizadora e, em seguida, analisamos algumas estratégias de reformulação associadas ao emprego de construções apositivas não-restritivas identificadas em artigos científicos.

2. Construções apositivas não-restritivas e estratégias de textualização

O termo *aposição* tem sido utilizado, em trabalhos lingüísticos de orientação diversa, para designar, genericamente, o processo de colocar-se um elemento junto a outro, tal como o nome sugere (*ad posita*). Assim, independentemente das funções exercidas pelos termos, diz-se que um está *em aposição* a outro, caso lhe esteja imediatamente próximo. Assumimos que, a par da diversidade formal e da multiplicidade funcional das estruturas ditas apositivas, há, em todas elas, um traço comum: a natureza centrípeta, já que os elementos apositivos giram em torno de um único centro (Câmara Jr.: 1986), ou, nos

termos de Halliday (1985), a relação lógico-semântica de expansão por elaboração, com que um segmento retoma outro para especificá-lo, esclarecê-lo de algum modo.

Entendemos que estratégias de formulação textual consistem em modos de construção do texto que refletem escolhas feitas pelos falantes/autores, visando à produção de certos efeitos de sentido e o cumprimento de diferentes funções. Koch (1998) afirma que as estratégias textuais ou textualizadoras podem ser: a) de organização da informação, que dizem respeito à distribuição da informação em relação às distinções dado/novo, tema/rema; b) de formulação, que incluem a inserção e a reformulação; c) de referenciação, que dizem respeito à formação de cadeias coesivas ao longo do texto; d) de "balanceamento" do explícito/implícito, que concernem às relações entre informação textualmente expressa e conhecimentos prévios, pressupostos como partilhados.

Julgamos que as estratégias textuais citadas por Koch (1998) pertencem a planos diferentes e, por essa razão, podem interseccionar-se nas atividades de produção textual. Em alguns casos, por exemplo, a *inserção* nos parece um modo de instanciação de algumas estratégias que devem ser vistas como funções gerais ligadas ao uso dos parênteses. Com efeito, uma *inserção* pode ter como propósito a *reformulação* do conteúdo ou da expressão lingüística de um segmento tópico, isto é, a reformulação de um determinado segmento discursivo se dá pela *inserção* de um segmento reformulador. Além disso, a inserção está relacionada, obviamente, com um modo de organizar informação dada e informação nova e deriva de um "balanço" entre explícito/implícito.

Uma construção apositiva não-restritiva pode ser, à primeira vista, identificada como uma estratégia de inserção. A natureza formal de segmento inserido (pausas antes e depois do encaixe e ausência de conectores do tipo lógico), a exterioridade em relação ao conteúdo proposicional do enunciado em que se encontra e o valor ilocucionário independente aproximam tal construção do que se entende por inserção parentética. Tal construção parece identificar-se com a primeira classe de parênteses da tipologia proposta por Jubran (1999), a que inclui parênteses voltados para a elaboração dos tópicos discursivos, especialmente no que diz respeito ao conteúdo tópico e à formulação lingüística desse conteúdo.

O emprego de expressões apositivas relaciona-se, tal como os parênteses de primeira classe descritos por Jubran, com os objetivos de assegurar a inteligibilidade e a aceitabilidade do texto e, dessa forma, a eficácia do ato comunicativo.

- (1) Pode-se afirmar que a busca por um certo grau de insulamento das burocracias, *ou seja, de delegação*, é um imperativo nas sociedades modernas complexas. (Polac-ga)
- (2) Não se pretende com isso instituir no seu lugar mitologias ou modelos autênticos, mas identificar uma agência histórica; transpor a discussão para um patamar em que o que interessa não é a falseabilidade dos modelos, mas a sua verificabilidade, *isto é, a sua capacidade de tomar corpo e alterar o sistema*. (Inac-ga)

Uma inserção parentética reformuladora como a da expressão apositiva pode ser vista, ainda, como uma estratégia de referenciação, ou seja, como uma *paráfrase*

referencial (Fuchs: 1982) ou uma *reorientação* (Meyer: 1992), quando o objeto do discurso designado em uma expressão inicial é reapresentado de uma perspectiva diferente, não apenas para evocar algum conhecimento partilhado que favoreça a identificação deste pelo interlocutor, mas também para fazer o aporte de informações novas sobre ele:

- (3) No mundo de Wanadi [*o herói da cultura ye'kuana*], assim como para aqueles que vivem à sua imagem [*os ye'kuana*], não há estado de não-ser. (Predac-ga)

Entendemos, no entanto, que nem toda expressão apositiva não-restritiva enquadra-se na definição textual-discursiva de inserção parentética. Uma construção apositiva não-restritiva em que uma expressão nominal focaliza um segmento discursivo posterior e lhe fornece uma orientação argumentativa para a interpretação, tal como em (4) e (5), não deve ser analisada como uma inserção, um caso de ruptura:

- (4) Afinal, os americanos buscaram, no Havaí, o mesmo que os ingleses, representados por Lord Macartney, teriam, segundo Sahlins, buscado na China, no mesmo período: *tratados comerciais*.

- (5) As cotas eleitorais implicam o questionamento de algumas das premissas básicas do ordenamento político liberal: *o indivíduo como única unidade política legítima e o relativo isolamento da arena política (caracterizada pela igualdade formal entre os cidadãos) em relação às injustiças sociais*.(Femac-ga)

Como a informação contida no segundo segmento é focalizada, isto é, a expressão nominal anterior já cria um ambiente de expectativa para tal informação, não se trata de um *desvio*. Identificamos este uso da aposição como uma estratégia textual de referência catafórica.

Neste estudo, analisamos o uso, nos artigos científicos, das construções apositivas não-restritivas como inserção parentética em função de reformulação parafrásica metalingüística. Como estratégia textualizadora, o uso de expressões apositivas contribui, de modo bastante relevante, para o cumprimento dos propósitos comunicativos específicos desse gênero textual.

3. O uso de construções apositivas como estratégia de reformulação

Em uma análise das construções apositivas utilizadas em amostras textuais pertencentes ao gênero artigo científico, observamos que a função de reformulação textual é uma das mais importantes para a construção dos sentidos nesse gênero. Por meio de uma expressão apositiva, o autor retoma o conteúdo formulado na primeira unidade, parafraseando-o ou retificando-o para facilitar a compreensão por parte do leitor.

De acordo com o tipo de relação semântica estabelecida entre o componente reformulador e o componente de origem, Hilgert (1993) e Barros (1993) distinguem dois tipos principais de atividades de reformulação: a paráfrase, em que há equivalência semântica, e a correção, que se caracteriza pelo contraste semântico. Nos artigos científicos, a correção é muito pouco observada em virtude das condições de produção que permitem a

edição desses textos. Aproximamos a aposição não-restritiva com o que Hilgert (1996: 132) descreve como *paráfrase em relação paradigmática com a unidade de origem*.

No que diz respeito à semântica da paráfrase, Hilgert (1993) observa que há graus de equivalência entre o componente matriz e a paráfrase, reconhecendo, na repetição, uma equivalência forte, e, na identidade apenas referencial, uma equivalência fraca. Segundo o autor, o parafraseamento envolve sempre um deslocamento de sentido, que pode ser do particular para o geral (generalização), ou do geral para o particular (especificação). Do ponto de vista de sua textualização semântica, isto é, de sua complexidade lexical e sintática, a paráfrase pode ser expandida, condensada ou paralela.

Observamos, nos artigos científicos, que uma das funções textual-discursivas das expressões apositivas não-restritivas é operar metalingüística ou metadiscursivamente, em *definições* ou em *redenominações*.

Com a função de explicação definidora, o autor esclarece o significado de palavras ou expressões empregadas na primeira unidade da construção apositiva. Dessa forma, observa-se um deslocamento de sentido do geral para o particular (especificação), já que a paráfrase representa, no contexto interacional, uma das possibilidades de interpretação semântica da primeira unidade. A paráfrase como explicação definidora, tal como observamos em (6) a (8), realiza-se por meio de uma expansão, ou seja, pelo uso de uma unidade léxica e sintaticamente mais complexa do que a primeira (Hilgert: 1996):

- (6) O capital simbólico, segundo Bourdieu (1979, pp. 203-204), é uma espécie de crédito social, no sentido preciso do termo, *isto é, algo que depende fundamentalmente da crença socialmente difundida na sua validade*. (Femac-ga)
- (7) Em suma, os grupos que são excluídos da participação pela estrutura política inclinam-se a introjetar sua própria impotência e a agir de acordo com ela (Bourdieu, 1980, pp. 463-541). É o que Bourdieu (1998, p. 130) chama de “violência (ou dominação) simbólica”, *isto é, “o dominado tende a adotar, sobre si mesmo, o ponto de vista dominante”*. (Femac-ga)
- (8) Ficam de fora todos os cargos preenchidos por eleição majoritária, bem como aqueles “de confiança”, *isto é, os escalões preenchidos por critérios políticos no Executivo*. (Femac-ga)

Explicações definidoras como as que se encontram em (6) a (8) buscam fixar um conceito, estabelecendo um sentido particular para um termo. A sua importância para um texto expositivo-argumentativo está em garantir bases comuns entre os interlocutores para o desenvolvimento da argumentação.

Uma paráfrase lingüística também pode fornecer uma definição explicativa que consiste em apresentar uma noção em todas as suas implicações conceituais, como temos em (9):

- (9) O produto final desse processo é um texto, *unidade comunicativa de nível superior, que apresenta tanto características comuns ao gênero ao qual se filia, quanto*

características singulares, traços das decisões tomadas pelo produtor, em função de suas representações sobre a situação em que se encontra. (Expac-ga)

Expressões apositivas com a função de redenominação manifestam-se como um procedimento metalingüístico de busca de uma expressão mais apropriada para designar um conteúdo. Em geral, uma expressão sinônima é empregada com o intuito de fornecer um termo mais familiar, mais técnico, ou a tradução de uma palavra em língua estrangeira:

- (10) Nas Guianas, os assentamentos não são apenas considerados politicamente autônomos e economicamente auto-suficientes, mas são também idealmente tomados como *demograficamente auto-sustentáveis ou, em outras palavras, endogâmicos.* (Predac-ga)
- (11) O vínculo com as empresas e com *o campo político stricto sensu (isto é, a arena eleitoral)* e a distância do mundo universitário e da administração correspondem à ocupação de uma posição vinculada ao exercício de uma forma de poder em parte independente da produção de teorias ou de discursos profissionais específicos. (Econac-ga)

Cumprir destacar, ainda, o emprego, nos artigos científicos, de posições reformulativas em que um segmento discursivo esclarece o conteúdo proposicional de uma oração anterior, tal como em (12):

- (12) (...) os constrangimentos da “conexão eleitoral” ou da competição política levariam à irresponsabilidade fiscal e a uma “política macroeconômica populista”. *Ou seja, os governantes “não poderiam dizer não” para não pôr em risco sua sobrevivência política.*(Polac-ga)
- (13) Em Locke, porém, a doutrina liberal encontra uma expressão inicial bastante satisfatória, *isto é, o filósofo inglês delineou com precisão as linhas mestras que guiariam o liberalismo político pelos séculos seguintes.* (Femac-ga)

Observamos que, nesse tipo de posição, a retomada pode ser feita como algum tipo de comentário que representa uma orientação argumentativa que o autor fornece para a interpretação do conteúdo de um segmento anterior.

4. Conclusões

Neste artigo, assumimos uma concepção mais abrangente de posição, identificando-a como uma relação de elaboração, nos termos de Halliday (1985), entre itens lexicais, sintagmas ou orações. Caracterizamos o uso de construções apositivas como multifuncional, uma vez que ela exerce papel relevante, não apenas no plano textual *stricto sensu*, mas nos planos cognitivo e argumentativo-atitudeal.

Como estratégia de textualização ou textualizadora, o emprego de construções apositivas em artigos científicos opera como um mecanismo de reformulação textual,

mediante explicações definidoras, redenominações e paráfrases de conteúdos proposicionais em que o propósito é assegurar a compreensão dos sentidos do texto, segundo a orientação argumentativa do autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana L. P. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETTI, D. (org). *Análise de textos orais (Projeto NURC/SP)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993
- CÂMARA JR., J.M. *Dicionário de lingüística e gramática*. 13. ed.. Petrópolis: Vozes, 1986.
- FUCHS, C. *La paraphrase*. Paris: Presses universitaires de France, 1982.
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HILGERT, J. G. Procedimento de reformulação: a paráfrase. In: PRETTI, D. (org). *Análise de textos orais (Projeto NURC/SP)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993b.
- _____. As paráfrases na construção do texto falado. In: KOCH, I.G.V. (org) *Gramática do Português Falado VI*. Campinas: FAPESP/Unicamp, 1996, pp. 131-147.
- JUBRAN, Clélia A.S. et al. Funções textuais-interativas dos parênteses. In: NEVES, M. H. M. *A gramática do português falado VII: Novos estudos*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999, pp. 131-158.
- KOCH, Ingedore V. (1998). *O texto e a construção dos sentidos*. 2. ed. São Paulo: Contexto.
- MEYER, Charles F. *Apposition in contemporary english*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- NOGUEIRA, Márcia T. (1999). *A aposição não-restritiva em textos do português contemporâneo escritos no Brasil*. Araraquara-SP, 240p. Tese de doutorado. UNESP-Araraquara-SP.
- POSSE, E. S. Characteristics of apposition in *The Great Gatsby*. In: *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*. Universidad de Santiago de Compostela, v. 7, 1994, pp. 171-184.
- QUIRK, R. et al. *A comprehensive grammar of the english language*. London/New York: Longman, 1985.
- SENNA, M. D. G Apposition in english: a linguistic study based on a literary corpus. In: *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*, Universidad de Santiago de Compostela, v. 7, 1986, pp. 83-95.